

## Dossiê

# “Sociedade, economia e política na era Trump: o que será dos Estados Unidos?”

Geraldo Zahran<sup>1</sup>

DOI: [10.5752/P.1809-6182.2017v14.n3.p1](https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2017v14.n3.p1)

Durante a última década do século XX, a política internacional tornou-se uma arena de incontestável hegemonia dos Estados Unidos. Nas quatro décadas que a precederam, os Estados Unidos disputaram preponderância política, econômica e militar sobre o sistema internacional com a União Soviética. Com o esfacelamento do antigo antagonista entre 1989 e 1991, o país passou a desfrutar de um “momento unipolar” (KRAUTHAMMER, 1990), tornou-se uma potência “sem rivais” (IKENBERRY, 2002.) e, diriam alguns, até uma “nação indispensável” (ALBRIGHT, 1998.). Nas palavras de Joseph Nye (2003), os Estados Unidos estariam “fadados a liderar” e projetariam com vantagem seu poder nas diferentes esferas da política internacional. No tabuleiro militar, as Forças Armadas do país eram de longe a maior força e mais avançada entre as potências mundiais. No tabuleiro econômico, embora Europa e Japão fossem parceiros importantes, a economia dos Estados Unidos ainda era a maior do planeta, com tecnologia e capacidade de inovação a frente das demais, e o dólar a grande moeda de reserva internacional. No tabuleiro cultural, a globalização levava os ícones do país aos quatro cantos do mundo.

Quase três décadas após a queda do muro de Berlim, esse cenário encontra-se diferente e confuso. A força militar dos Estados Unidos permanece incontestável, com o país investindo mais no seu aparelho militar do que os próximos dez países seguintes. Mas sua efetividade pode ser questionada. Duas longas intervenções no Afeganistão e no Iraque não parecem ter trazido os efeitos estabilizadores desejáveis. A mesmo tempo, tal preponderância militar parece despreparada para tratar de fenômenos como o terrorismo e novas ameaças de cibersegurança. Em termos nominais, a economia do país ainda é a maior do mundo. Todavia, serviu de centro para a maior crise financeira em décadas, investe cada vez menos em inovação e tornou-se a mais desigual dentre as economias avançadas. Por fim, a liderança no plano das ideias é cada vez mais contestada, a medida em que as incoerências de sua são expostas: tensões raciais, discriminação religiosa, e xenofobia marcam cada vez mais a imagem dos Estados Unidos. Questionamentos colocados por movimentos como o *Occupy Wall Street*, grupos ambientalistas e movimentos pela igualdade de gênero como o *#MeToo*, parecem não ter resposta imediata.

---

1. Professor do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU) e coordenador de pesquisa do Observatório Político dos Estados Unidos (OPEU). ORCID: [0000-0003-2536-9835](https://orcid.org/0000-0003-2536-9835)

Que tais tensões se seguiam ao triunfo dos Estados Unidos na arena internacional carrega uma fina ironia. A Guerra Fria, a existência de um inimigo comum e de uma doutrina comum de política externa serviram, consciente ou inconscientemente, como um elemento apaziguador no debate político no país. (SKIDMORE, 2005). Como diria o senador republicano Arthur Vandenberg, um dos principais articuladores da criação da OTAN, “*we must stop partisan politics at the water’s edge.*” (LIEBER, 2014). Com o fim do conflito bipolar, a velha máxima também caiu por terra. Temas de política externa, desde a participação em missões de paz, ao apoio do sistema das Nações Unidas, a participação em acordos de mudança climática como o Protocolo de Quioto ou o Acordo de Paris, a convenções sobre Direitos Humanos e filiação ao Tribunal Penal Internacional, passaram a ser tópicos de acirrada disputa entre democratas e republicanos. Mudanças demográficas, econômicas e sociais, somadas ao recenseamento, ao redesenho de distritos eleitorais e ao sistema bipartidário fizeram explodir a polarização ideológica nos Estados Unidos nas últimas décadas. A política externa também foi vítima dessa polarização, e com ela a suposta posição de liderança dos Estados Unidos no sistema internacional (IKENBERRY, 2018).

As eleições de 2016 e os primeiros atos da administração de Donald Trump apenas confirmaram essas tensões na política e na sociedade nos Estados Unidos, gestadas nas últimas décadas e agora manifestando-se de forma dramática. A própria eleição de Trump e o apoio a suas iniciativas representa um movimento de insatisfação com a classe política e com a economia nos EUA, com matizes populistas, antiglobalização, nacionalistas, e por vezes de caráter xenófobo e misógino. Ações como a retirada dos Estados Unidos do acordo de Paris sobre mudança climática e da Parceria Transpacífica (TPP), como os desmontes da Agência de Proteção Ambiental e do Departamento de Esta-

do, ou como a proibição da entrada de muçulmanos no país, seriam impensáveis há alguns anos mas agora contam com razoável apoio da opinião pública.

Mas o que poderia ter sido um início de uma administração tranquila passaram longe disso. Apesar dos republicanos terem conseguido não só o controle da Casa Branca, mas das duas casas do Congresso, e a maioria na Suprema Corte, com a confirmação do juiz conservador Neil Gorsuch em março de 2017, os primeiros meses do novo governo foram tumultuados. Trump não deixou de gerar controvérsias: da proibição da entrada de muçulmanos nos Estados Unidos, a defesa de neonazistas dizendo haver “pessoas boas nos dois lados” em Charlottesville, ao apoio à candidatura de Roy Moore em meio a acusações de assédio sexual, ao ataque a jogadores da NFL e da NBA que protestavam por igualdade racial. A grande derrota do primeiro ano foi não conseguir acabar com o Obamacare. Os republicanos foram derrotados em todas as vezes que trouxeram o tema a votação no Congresso. A grande vitória foi a aprovação da reforma tributária, com um pacote foi “escrito” e votado ao apagar das luzes. A título de cortes de impostos temporários para a classe média, a reforma traz reduções permanentes para grandes empresas e multimilionários, sob o argumento de que mais dinheiro na mão das empresas gera mais investimento e emprego. Quando a hipótese foi testada, sob Regan, Bush pai e Bush filho, o país terminou com déficits imensos.

Mas a despeito das polêmicas e extravagâncias de Trump, ou do simbolismo de Barack Obama antes dele, ou das controvérsias de George W. Bush ainda antes, é necessário sempre compreender o que há de conjuntural e o que há de estrutural nas dinâmicas políticas, sociais e econômicas nos Estados Unidos. Só assim pode-se ter melhor ideia do que é passageiro e do que é duradouro, do que potencialmente deixará impacto na política doméstica e no sistema internacional nos anos vindouros.

Para isso organizamos o Dossiê “Sociedade, economia e política na era Trump: o que será dos Estados Unidos?”. Nos artigos que seguem, as tensões e tendências da sociedade e política nos Estados Unidos são analisadas sob diversos ângulos. As duas primeiras contribuições, de Bruno Haeming *et al.* e de Eduardo Santos Maia examinam a relação dos Estados Unidos e da administração de Donald Trump com o setor financeiro. Tema recorrente desde a crise de 2008 e da passagem da chamada lei Dodd-Frank de regulamentação sobre Wall Street, é impossível não pensar a política e a economia nos Estados Unidos sem levar em conta o capital financeiro e seus grupos de interesse. Como os dois artigos mostram, apesar da retórica agressiva de Trump contra os operadores políticos tradicionais, sua administração está repleta de operadores do mercado financeiro e posicionada para reverter regulamentações que, na verdade, nunca foram tão rígidas para começo de conversa (BOJIKIAN, 2018)

Em seguida, Helena Margarido e Jefferson Estevo traçam a trajetória da relação dos Estados Unidos com o regime de mudanças climáticas, uma história de ambiguidade desde a administração Clinton e a negociação do protocolo de Quito, passando pela saída do acordo na administração Bush, pelo esforço de Obama na assinatura do Acordo de Paris, e na nova retirada por Trump. Apesar das manchetes e polêmicas levantadas por Trump, há continuidade, em boa medida, mesmo que seja de uma relação problemática dos Estados Unidos com o regime de mudanças climáticas. De forma similar, Maíra da Silva Fedatto analisa as idas e vindas dos Estados Unidos em relação a agenda de saúde global, e os desafios que a administração Trump coloca para o regime de maneira mais ampla.

Danillo Avellar Bragança e Marcello de Souza Freitas jogam luz sob a relação dos Estados Unidos com a América Latina no novo governo. Para além da retórica direta e agressiva, o lobo sem pele de

cordeiro, os autores especulam sobre o impacto da projeção dos Estados Unidos sobre o continente e sobre a capacidade de mobilização local para fazer frente a tais avanços. Por fim, Leandro Almeida Lima lança um olhar para a política doméstica, avaliando como a mídia tradicional nos Estados Unidos lidou com a candidatura e as propostas de um personagem heterodoxo como Donald Trump e, ao final, que diferença isso faz.

Esperamos que o conjunto de artigos apresentados nesse dossiê possa contribuir para uma melhor compreensão das dinâmicas políticas, sociais e econômicas dos Estados Unidos no início do governo de Donald Trump. Certamente, estas agendas de pesquisa não se encerram nas referidas análises, e nem tampouco na presidência Trump. Se há algo que as últimas décadas nos ensinaram quanto a projeção internacional dos Estados Unidos, é que os avisos sobre o declínio da potência sempre foram desmentidos pela capacidade de rearticulação da sociedade e da economia do país. Olhar através das polêmicas conjunturais, e para as estruturas sociais, políticas e econômicas dos Estados Unidos, certamente nos ajudará a traçar análises mais relevantes e duradouras.

## Referências

- ALBRIGHT, Madeleine. **Interview on NBC-TV ‘The Today Show’ with Matt Lauer**, Columbus, Ohio, 1998. Disponível em: <<http://secretary.state.gov/www/statements/1998/980219a.html>> Acesso em: 15 mai. 2018.
- BOJIKIAN, Neusa Maria Pereira. **O feitiço do tempo: dez anos desde a crise financeira**. OPEU, 2018. Disponível em: <<http://www.opeu.org.br/2018/04/27/o-feitico-do-tempo-dez-anos-desde-a-crise-financeira/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- IKENBERRY, G. John. **America Unrivaled: The Future of the Balance of Power**. Ithaca, Cornell University Press, 2002.
- IKENBERRY, G. John. The end of liberal international order? **International Affairs**, London, vol.94, n.1, 2018, p.7–23.
- KRAUTHAMMER, Charles. The Unipolar Moment, **Foreign Affairs**, New York, vol.70, n. 1, 1990, p. 23–33.
- LIEBER, Robert J. Politics stops at the water’s edge? Not re-

cently. **Washington Post**, Washington, 2014. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/02/10/politics-stops-at-the-waters-edge-not-recently/>>. Acesso em 15 mai. 2018.

NYE JR., Joseph S. **The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone**, Oxford, Oxford University Press, 2003

SKIDMORE, David. Understanding the Unilateralist Turn in U.S. Foreign Policy. **Foreign Policy Analysis**, Oxford , vol. 1 , n. 2, 2005, p. 207–228.